

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

A "Folha" e as respostas da sociedade à crise

Um projeto de educação envolve a comunidade

DENISE NATALE
Enviada Especial

"Olha, eu sei que o Paulo Freire é um professor, é muito sabido, tem um conhecimento muito grande nesse mundo por aí. Mas quando ele senta com a gente, eu calculo ele como se fosse trabalhador, como nós. Porque as palavras dele são como as palavras do trabalhador. Se ele conversa com você, por exemplo, ele usa o tipo de palavra que você usa. Mas quando ele senta com os trabalhadores, ele senta como trabalhador."

O texto de um dos alfabetizandos do PAF — Programa de Alfabetização de Funcionários —, José Nunes de Andrade, o Zé, trabalhador da Universidade Federal de São Carlos, sobre o educador Paulo Freire com quem manteve encontro durante seu curso, deve fazer parte do livro "O Educador é Político e Artista: Novos Trechos para Educação Libertadora", de Paulo Freire, que será publicado pela editora alemã Rowohlt. Além da entrevista preparada por Betty de Oliveira, coordenadora do programa, contando a experiência de como se faz educação política num sistema contraditório, a editora deverá incluir também trechos e cartas enviadas pelos alfabetizandos ao autor.

Mensalmente, Paulo Freire vem prestando assessoria ao projeto dos alunos e professores do curso de Pós-Graduação em Educação da UFS-Car. Há algum tempo eles estavam preocupados em encontrar formas ativas e dinâmicas de atuação que fugissem às estruturas formais e que aliassem teoria à prática educativa. Em função disso, realizaram o Seminário Aberto sobre Educação Brasileira, em abril do ano passado.

Começaram por analisar experiências já realizadas em educação, como a do Supletivo Caaso, em São Carlos, e surgiram propostas de trabalho na periferia. Nessa ocasião, Valdemar Sguissardi constatou, durante eleição para escolher nomes de candidatos que seriam incluídos na lista sextupla para a vice-reitoria, que havia mais de 40 funcionários analfabetos, sem condições de votar na Universidade.

Foi então que a equipe do seminário decidiu-se por projeto de alfabetização dentro da própria Universidade, levando em conta que "o analfabetismo é problema concreto da realidade brasileira e expressão significativa dessa realidade injusta", como assegurou a coordenadora do projeto. "Tínhamos a intenção de iniciar projeto-piloto de pequenas dimensões, aproveitando o pessoal do seminário, aqui mesmo dentro da Universidade."

Logo, o grupo conseguiu apoio político para a concretização do PAF, junto à Associação dos Ser-

sentido. O que a gente quis frisar é que alfabetizar não é ato neutro, como é encarado. Mas ato de conhecimento e ato político, quer se tenha consciência disso ou não".

O curso dos alfabetizadores durou de junho a outubro de 80, quando foram realizados estudos teóricos para preencher os objetivos pedagógicos-políticos do PAF e práticos, para verificar as condições concretas de sua viabilização. Em seguida, em 20 de outubro até 19 de dezembro, iniciou-se a primeira fase propriamente dita, quando se buscaram "palavras geradoras", como as denomina Paulo Freire; a partir daí, passaram a ler e a escrever de modo consciente e consequente com sua própria realidade. A primeira palavra geradora escolhida foi "panela".

ATIVIDADES PARALELAS

Nesta primeira fase, os alunos exigiram o desenvolvimento de três atividades paralelas. Necessitavam de conhecimentos de Matemática, para fazer cálculos de distribuição de adubos em área de plantação ou para calcular metros cúbicos de um cômodo de planta de construção. Então, passaram a ter aulas de Matemática, cujo ensino foi programado a partir da ideia de comprimento, largura e espessura e o cálculo já utilizado pelos trabalhadores.

A segunda atividade, desenvolvida aos sábados, foi o ensino da confecção de uma panela de barro, dirigido por um trabalhador e tendo como alunos alguns alfabetizadores. A atividade esteve ligada à primeira palavra geradora, "panela", que codificou o tema "alimentação" e gerou outros temas sobre a vida do trabalhador.

A terceira nasceu quase concomitante à dúvida dos trabalhadores, como conta o Zé: "Nós estávamos no começo do curso e não entendíamos o que acontecia. Era um tal de cair lápis no chão e a gente, com esforço próprio dos ossos cansados, tendo que pegar eles de novo e de ponta quebrada. Ai, apareceu uma professora que fazia a gente balançar os dedos, como se estivesse brincando. Nós respirávamos como o "Hulk" e fazíamos movimentos como o braço parecendo o Tarzã. Ah, a gente pensou que eles estavam fazendo a gente de besta e quase abandonamos o curso, com vergonha de tocar no assunto. Mas logo passamos a perceber que aquilo era para nosso bem, porque a gente segurava o lápis como se fosse um machado, e não dava para escrever, com todo aquele peso."

Lea Beatriz Teixeira Soares, terapeuta educacional, dirigiu uma série de atividades de coordenação motora, a partir das necessidades dos alfabetizandos. E, na aplicação

Para lembrar

"As soluções encontradas por várias pessoas e grupos rompem com a tradição teórica no Brasil, que é calcada num pensamento mecânico-fatalista."

Ramón M. Garcia

Professor
"Folha", 21.2.81



Os depoimentos

"Condições de Trabalho do Trabalhador" — "Os grandes industriais são ricos e muitos deles também são fazendeiros, de sorte que eles acabam sendo os donos de tudo. Isto é, as fazendas são deles e as indústrias também. Alguns trabalhadores trabalham na fabricação de grandes máquinas. Outros trabalham com essas máquinas, roçando, arando, plantando, colhendo, beneficiando, transportando, etc... O trabalhador só fica com as migalhas que é, naturalmente, aquele ordenado que não dá nem para pagar aluguel."

"Quanto aos cereais produzidos por esse trabalho, estão todos armazenados e bem protegidos. Ai vem o preço que é aquilo que vai tirar as migalhas dadas em troca das horas de trabalho do trabalhador. E então? Quem trabalhou? Quem é que ficou com tudo? E quem é que passou falta? E claro que quem trabalhou fisicamente foi o homem. Ele fez a máquina, trabalhou com a máquina e produziu. Naturalmente, esses dois trabalham em conjunto: o homem e a máquina. Mas a maquinária recebe todos os cuidados dos operadores e combustível em abundância, porque

vidores e dos Professores Ocidente da UFSCar, e do Diretório Estudantil, contaram ainda com total apoio do reitor William Saad Hosne. Ficou talando contato com os próprios funcionários para verificar se havia interesse. Mas eles, na verdade, já haviam tido a idéia bem antes dos professores, como depois, perceberam.

FACA E QUEIJO

"Quando eles falaram do PAF, a gente pensou: Que diabo de coisa é isso? E descobrimos que vinha de encontro com nossa antiga vontade de estudar. Sentíamos necessidade de aula, mas havia aquela cisma de chegar até os professores e estudantes com medo da reação deles. O tempo todo a gente tinha a faca na mão, mas o queijo era deleu. Até que resolvemos repartir esse queijo e aceitamos a idéia," contou José Nunes de Andrade, 47 anos, 10 filhos, presidente da Associação dos Funcionários da UFSCar.

Inicialmente, 40 alunos inscreveram-se no curso e não aceitaram o direito de participar das aulas durante horário de trabalho, para evitar problemas com colegas e "pra calar a boca das chefias", como disseram na ocasião.

Paralelamente, os responsáveis pelo PAF iniciaram Curso de Preparação de Alfabetizadores, com 25 pessoas, utilizando como base as "Cartas aos Animadores e Animadores Culturais da República de São Tomé e Príncipe", de Paulo Freire e equipe.

"Entendemos que alfabetizar não é meramente transmitir as técnicas da leitura e da escrita", explica Betty de Oliveira ao falar da proposta que os norteou. "Evidentemente, se a idéia é alfabetizar, o domínio dessas técnicas por parte dos alfabetizando é fundamental, porém não deve ocorrer de forma mecânica. O que se pretendeu, nesse processo, foi o desenvolvimento da capacidade do alfabetizando de ler e escrever sua realidade, participando criticamente de sua transformação. E isso não pode ser atingido se o alfabetizando é levado a repetir mecanicamente um amontoado de sílabas e frases sem

de testes de visão, descobriu que muitos tinham problemas oftalmológicos, e os encaminhou a uma ótica cujo abastecimento nos preços, foi assegurado com antecedência.

Em janeiro e fevereiro deste ano, foram desenvolvidos três sub-projetos. O primeiro deles, a criação de cartilha própria, o "Livro de Leitura 1", feito a partir das palavras geradoras. Sua revisão resultou no "Livro de Leitura 2" e ambos servem como livro texto para a fase de pós-alfabetização que se estende até junho deste ano. O terceiro projeto surgiu de trabalho comum entre alfabetizadores e alfabetizados, que criaram o "Jornal dos Trabalhadores".

RESULTADOS

Nesse processo de alfabetização em que o alfabetizando é ao mesmo tempo produto e agente, o posicionamento crítico e político surgiu espontaneamente. Betty de Oliveira conta o que aconteceu num dos encontros de trabalho, quando deveriam escrever frase sobre seu bairro.

"Um deles escreveu que seu bairro tinha água, luz e esgoto e esta frase foi escolhida pelo grupo como sendo a melhor. Mas durante a discussão posterior, a alfabetizadora perguntou quem é que iria ficar satisfeito com a frase, e todos se apressaram em dizer que era o prefeito. O responsável pela frase protestou e contou que o bairro somente chegou naquele nível porque os moradores reivindicaram melhorias durante 18 anos. Ai, a alfabetizadora tornou a perguntar quem é que ficaria satisfeito com a nova frase e de quem o autor receberia abraços, e todos foram unânimes em dizer que seria dos amigos. E o alfabetizando reescreveu sua frase de duplo sentido."

O PAF tem feito avaliação de suas atividades e seus responsáveis acreditam que os resultados obtidos até agora "estão dentro das condições brasileiras de uma universidade e representam a idéia de democratização e de abertura nas instituições de ensino superiores.", concluiu Betty de Oliveira.

trabalhador funciona com fome, e até com acidentes doentes e com a consciência tora de si, imaginando no pagamento muito pouco que recebe em troca."

(Texto de Francisco de Souza Camargo Junior, o Chicão, 53 anos, lavrador de profissão, um dos alunos do PAF e cujo maior sonho é ser Radiotécnico e "passar para frente tudo que já aprendi").

— "Num dia aí um professor assobiou para mim várias vezes. Eu não atendi. Ele, então, veio até mim e disse: Abílio, eu estou lhe chamando." Eu respondi: "Quem atende por assobio é cachorro. Eu sou gente e tenho nome. Me chamo Abílio. Antes de entrar no PAF eu não sabia responder assim, mas agora eu sei." (Texto de Abílio Gonçalves de Miranda, aluno do PAF).

"Eu só sabia ler e escrever muito pouco. Mas agora tenho um resultado enorme. Eu já não me atrapalho mais. Posso ler e escrever o suficiente pra me virar. Além disso, o PAF está me fazendo ver as coisas mais claras. Antes, por exemplo, eu tinha receio de falar na reunião com os professores junto. Agora não. Não fico nem um pouco preocupado. Sabe? O trabalhador tem um conhecimento enorme na área deles, mas não sabe ler nem escrever. Saber as coisas, ele sabe. Saber trabalhar, ele sabe. Saber que ele está sendo explorado, ele sabe. O que ele não sabe é expressar isso. E qual a maneira que ele tem para se defender? Depende da leitura. Quando eu falo uma palavra que não entendem, eu sei que eles estão se fazendo de besta. Mas eu sei que eles estão entendendo o que eu estou falando. E que eles têm a leitura e eu não tenho, eles sabem os fatos, as coisas das ciências e eu não sei. Mas o que mais o PAF está me servindo é eu saber como não me deixar "embrulhar" por alguém. Lá eu aprendo as letras e também o jeito de entender as coisas. Estou melhorando o jeito de me defender, de não ser "embrulhado". (Trecho da entrevista feita com José Nunes de Andrade, o Zé, e cujo trabalho deverá fazer parte de um dos livros da edição alemã da obra de Paulo Freire).

A luta para conseguir mais luz e segurança

Na próxima terça-feira, às 20 horas, uma comissão de moradores do Jardim Oriental e Nova América irá se reunir com o prefeito de Osasco, Guaçu Piteri, para cobrar uma reivindicação feita há muitos anos: iluminação das ruas dos bairros. Na ocasião, será entregue documento que descreve toda a movimentação dos moradores em busca de melhorias públicas.

Segundo o documento, em março de 1980, os habitantes desses bairros fizeram pesquisa e descobriram que 94% dos moradores queriam, com urgência, que suas ruas fossem iluminadas. Após o levantamento, elaboraram documento, colheram aproximadamente mil assinaturas e o entregaram diretamente ao prefeito Guaçu Piteri, que prometeu estudar o problema, e marcando nova audiência para o mês seguinte. Na data combinada, mais de cem pessoas compareceram à Prefeitura on-

de foram informados, de acordo com o documento, que a "Light" era a responsável pelo não atendimento das reivindicações.

Os moradores, inconformados com a notícia, formaram grupo para ir à "Light" e, conforme informam os integrantes do grupo, lá estiveram por três vezes. Porém, uma nova notícia os aguardava quando compareceram pela terceira vez: o projeto de iluminação existia, mas dependia da assinatura do prefeito para seu andamento. Mais uma vez, segundo eles, voltaram à Prefeitura e obtiveram a promessa de que a luz seria instalada, ao mais tardar, em janeiro deste ano, o que não ocorreu. Acompanhando o processo, os moradores viram os planos da Prefeitura e descobriram que o projeto previa a iluminação para o mês de fevereiro. Para surpresa dos habitantes, fevereiro foi embora deixando as ruas escuras como an-

tes. Eles não desanimaram e, conforme informou membros da comissão, voltaram à Prefeitura mais uma vez e foram recebidos com "boas notícias": até o final de abril a instalação seria iniciada e, vinte dias após, eles iriam finalmente inaugurá-la.

Uma nova decepção os aguardava: a iluminação não chegou. Os moradores continuam com medo de sair às ruas, as crianças não podem brincar fora de casa à noite, os assaltos são frequentes e o medo impera entre todos que precisam sair no período noturno, em casos de emergência. Revoltados, eles procuraram novamente a Prefeitura e, na ocasião, foi marcada a audiência para o próximo dia 12 de maio. Eles finalizam o documento com uma pergunta: "Quando é que o prefeito vai entender que o povo não está brincando de pedir coisas mas, sim, está querendo ter o direito de viver em segurança?"

Isto também é com você: a luta é de todos nós.